

**NOTÍCIA EXPLICATIVA
DA FOLHA 34-C
CASCAIS**

M. M. RAMALHO
J. REY
G. ZBYSZEWSKI
C. A. MATOS ALVES
T. PALÁCIOS
F. MOITINHO DE ALMEIDA
C. COSTA
M. KULLBERG

DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA
**INSTITUTO GEOLÓGICO
E MINEIRO**

LISBOA 2001



ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA*

Introdução

Numa publicação desta índole, não se justifica, naturalmente, um inventário exaustivo do património arqueológico conhecido na área ocupada pela presente folha, mas tão-somente uma caracterização das principais ocorrências registadas, evidenciando deste modo a importância arqueológica da região, cujo conhecimento, até época recente, em boa parte, decorreu dos trabalhos de campo de índole geológica. Encontram-se publicadas as cartas arqueológicas de três dos quatro municípios abrangidos pela folha: Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1993); Cascais (CARDOSO, 1992), concelho que, desde 1943, possuía já um esboço de carta arqueológica (PAÇO & FIGUEIREDO, 1943); e Amadora (MIRANDA et al., 1999): nelas os mais interessados encontrarão informação detalhada que completará o presente contributo, sem esquecer a existência de diversas sínteses regionais, das quais a mais completa se reporta á área ocupada pelo actual concelho de Oeiras (CARDOSO, 2000 a).

Paleolítico Inferior

A área abrangida pela folha de Cascais possui testemunhos da presença humana que, a confirmar-se a intencionalidade do talhe exibido pelos respectivos artefactos, se inscrevem entre os mais antigos registados no continente europeu (Paleolítico Inferior Arcaico). Trata-se das estações relacionadas com retalhos de praias quaternárias, hoje quase desaparecidas devido à erosão, que se desenvolvem a altitudes de ordem dos 150 m e foram por isso correlacionadas com o Calabriano. A estação melhor

*Por J. L. CARDOSO (Univ. Aberta)

conhecida é a do Alto de Leião, a Norte de Paço de Arcos, tendo sido objecto de diversos estudos, desde o que primeiramente a notícia (CARDOSO & PENALVA, 1979). O mais recente (RAPOSO & CARDOSO, 2000), discute a sua integração, num contexto alargado a outras estações congêneres do litoral estremenho, e no quadro dos actuais conhecimentos sobre os primeiros povoadores humanos da Europa, concluindo-se que, dados os últimos conhecimentos adquiridos em tal matéria, existem justificações acrescidas para o investimento em estudos de estações como a referida, incluindo escavações para recolhas estratigrafadas dos materiais líticos. Os níveis marinhos de altitudes inferiores, podem mais facilmente conotar-se com episódios transgressivos mais recentes. É o caso dos retalhos detríticos outrora observados junto ao forte de Catalazete, e no reduto de Renato Gomes Freire (Alto da Barra, Oeiras), correlacionados com o nível marinho tirreniano de 20-25 m. Em cortes observados na década de 1970, foi possível recolher diversos artefactos *in situ*, sobre seixos de quartzito (ZBYSZEWSKI et al., 1995), peças que se vieram somar às recolhidas anteriormente no local (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1945). Já ao longo do litoral oceânico observou-se cordão de seixos embutido nas pequenas rechãs e anfractuosidades rochosas escavadas pela acção do mar em diversos locais (Boca do Inferno, Guia, Cabo Raso), relacionado com o nível marinho de 5-8 m, o qual, como de há muito foi observado, evidencia notável continuidade ao longo do litoral estremenho (ZBYSZEWSKI & TEIXEIRA, 1949). Nalguns locais, recolheram-se peças paleolíticas de quartzito *in situ* (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1945). Mais para o interior, na vizinhança da povoação de Areia, foi identificado um retalho de praia quaternária, constituído essencialmente por areias argilosas cinzentas ou avermelhadas, desenvolvendo-se desde o farol da Guia até perto da referida povoação, onde atinge cerca de 60 m de altitude. Outrora considerado como pliocénico, a recolha de peças de quartzito paleolíticas *in situ*, a NE da povoação da Areia (ZBYSZEWSKI & FRANÇA, 1949) conjugadas com a altimetria, situam tal afloramento no início do grande ciclo transgressivo tirreniano. Esta descoberta faz, deste modo, a ligação dos sítios situados a norte de Sintra (Ericeira, Assafora, Magoito, Azenhas do Mar, e outros), com os níveis marinhos de altimetria idêntica conhecidas no litoral a sul do Tejo, nas imediações do cabo Espichel.

O Paleolítico da área do Complexo Vulcânico de Lisboa

O Paleolítico Inferior, correspondente ao complexo Acheulense, bem como o Paleolítico Médio, conotável globalmente com o complexo Mustierense, encontram-se particularmente bem representados nos domínios ocupados pelas rochas e solos basálticos, que se desenvolvem em torno de Lisboa, de Loures a Oeiras, com manchas isoladas mais para

Oeste, já no concelho de Cascais e no de Sintra. A enorme quantidade de materiais ali recolhidos fazem pensar em sucessivas presenças humanas, sobrepostas, ao longo de dezenas senão de centenas de milhares de anos, no mesmo espaço, correlacionadas com múltiplos acampamentos temporários de bandos de caçadores-recolectores, constituindo, na actualidade, complexos e indecifráveis palimpsestos, com materiais cuja tipologia evidencia larga diacronia. A cartografia das ocorrências, de há muito realizada (JALHAY & PAÇO, 1941), anterior à expansão urbanística das décadas de 1960/1970 em torno da capital, responsável pela generalizada destruição destes e de outros vestígios arqueológicos, evidenciou zonas em que se verificavam maiores concentrações de materiais, especialmente na região de Amadora (OLLIVIER, 1951) em parte ainda abrangida pela presente folha. Um estudo de síntese recente, tomando como ponto de partida as estações do concelho de Oeiras (CARDOSO, ZBYSZEWSKI & ANDRÉ, 1992), situadas as já na periferia do núcleo principal, evidencia tal realidade, bem como a relação do uso do sílex com os afloramentos cretácicos mais próximos, substituído progressivamente pelo quartzo e pelo quartzito, nos sectores mais orientais.

Não obstante a lavoura intensa dos terrenos basálticos, desde pelo menos a Idade do Bronze, bem como a existência de fenómenos geológicos anteriores, como a erosão e a sedimentação, responsáveis pelo transporte e ulterior deposição dos materiais líticos, estes, nalguns casos, conservaram indícios da respectiva distribuição primitiva no terreno: é o caso da estação de Cabecinho, junto à prisão de Tires, atribuída ao Paleolítico Médio, cuja cartografia de pormenor da distribuição dos materiais á superfície, evidenciou claramente uma mancha de concentração de peças, não obstante tratar-se de um terreno regularmente lavrado (CARDOSO, 1982). A razão para tamanha concentração de materiais – que revelam, assim, uma intensa ocupação da zona no decurso do Paleolítico Inferior e Médio – explica-se pelas condições particularmente favoráveis oferecidas pelos terrenos basálticos: possuindo topografia suave, retendo a água perto da superfície mercê da existência de camadas impermeáveis com assinalável continuidade e a pouca profundidade, constituiria domínio propício a cobertura de gramíneas sendo, deste modo, rico em caça, da qual dependia em grande parte a sobrevivência humana. Por outro lado, a já aludida abundância de sílex, sobretudo no sector central e ocidental do Complexo Vulcânico, disponível sob a forma de nódulos nos calcários do Cenomaniano superior, aflorantes na área adjacente ou mesmo em retalhos postos a descoberto pela erosão e pela tectónica, sob os afloramentos basálticos, fornecia matéria-prima de boa qualidade, o que explica também a abundância aludida.

Paleolítico Superior

Apesar de as últimas séries líticas das estações paleolíticas supra referidas poderem incorporar materiais do Paleolítico Superior e, até, de épocas mais recentes, a presença de artefactos de tipologia bem definida pertencentes ao Paleolítico Superior apenas se encontra registada em duas grutas, existentes nos calcários, respectivamente, do Urgoniano e do Cenomaniano superior: trata-se das grutas do Poço Velho, situadas no núcleo urbano de Cascais, sobre a pequena ribeira que atravessa a povoação e a gruta da Lage, junto à povoação e à ribeira do mesmo nome. Na primeira, recolheram-se peças típicas do Solutrense Superior ibérico, conservadas no Museu do IGM: uma bela folha de salgueiro, estreita e primorosamente retocada, embora incompleta; uma folha de loureiro; e uma ponta de pedúnculo e aletas de tipo Parpalló (FERREIRA, 1962; ZILHÃO, 1997). Na segunda, para além de buris de diversa tipologia, recolheu-se uma lâmina de La Gravette e uma ponta de seta pedunculada, com estreitas analogias com exemplar recolhido na gruta das Salemas, Loures (CARDOSO, 1995).

No decurso de todo o Paleolítico Superior, o nível do mar encontrava-se muito abaixo do actual, conhecendo um mínimo cerca de 18000 BP, quando atingiu cerca de -120 m. Facilmente se imagina a extensa planície litoral que se desenvolveria defronte a Cascais, ultrapassando 30 km para além da actual linha de costa, bem como as numerosas estações arqueológicas dessa época, actualmente submersas.

Epipaleolítico/Mesolítico

A representação na região interessada em estações desta época é pobre. Salienta-se, contudo o sítio da Quinta da Bicuda, perto de Cascais, objecto de recente escavação de emergência, antecedida da publicação de pequena notícia preliminar: a análise tipológica da utensilagem, onde dominam indústrias microlaminares de sílex, permitiu situar a ocupação do local no Epipaleolítico, tendo comparação mais próxima nos sítios do litoral estremenho a Norte de Sintra, e ainda na estação da Penha Verde, na serra de Sintra (CARVALHO, 1996). Dominaria, então, a exploração dos recursos aquáticos, podendo, por isso, relacionar-se o achado de conchas de moluscos no local, com a estratégia de recolheção litoral então adoptada.

Neolítico

Do Neolítico, conhecem-se numerosas ocorrências, tanto de carácter habitacional como funerário, ambas particularmente bem representadas no Neolítico Final. De entre as primeiras, merecem destaque diversos

povoados, como os de Carnaxide e o de Leceia, ambos no concelho de Oeiras; no primeiro, recolheu-se uma peculiar indústria de pedra lascada, de sílex, de aspecto campinhense (CARDOSO, 1996). Mas o que caracteriza de forma mais evidente os espólios dos povoados do Neolítico Final da região é a tipologia dos recipientes cerâmicos: trata-se dos bem conhecidos vasos de bordo denteado e das taças carenadas, presentes em todos eles. Do ponto de vista da sua implantação topográfica, privilegiou-se a ocupação de plataformas, no topo ou a meia encosta, por vezes com boas condições defensivas, proporcionadas pela existência de escarpas naturais calcárias, que em Leceia ultrapassam 10 m de altura.

As necrópoles aproveitaram grutas naturais, igualmente abertas nos calcários, como as já mencionadas do Poço Velho e da Lage, ou pequenas cavidades existentes em Leceia e em Carnaxide, estas em estreita relação com os respectivos povoados pré-históricos ali existentes. É particularmente interessante a lenda que associou a descoberta de restos humanos pré-históricos, em Carnaxide, no ano de 1822, ao milagre do aparecimento da Virgem, motivo que esteve na origem da construção do santuário de Nossa Senhora da Rocha, onde ainda hoje se realiza importante romaria.

No concernente à existência de sepulcros construídos, avultam as célebres grutas artificiais, ou hipogeus, de Alapraia, situados no centro do núcleo mais antigo da povoação e as de S. Pedro do Estoril, implantadas no alto da escarpa marítima, em ambos os casos escavadas em calcários brandos. Possuem em geral um átrio, um corredor de paredes mais ou menos bombeadas e uma câmara, de planta circular, munida superiormente de clarabóia para arejamento e permitir o acesso directo ao interior. Trata-se de um tipo sepulcral típico da região da Baixa Estremadura, cujos paralelos mais célebres são os bem conhecidos hipogeus da Quinta do Anjo, Palmela. Apesar da riqueza dos espólios arqueológicos encontrados, a associação entre peças é problemática, dado, por um lado, o largo período de utilização dos mesmos, superior a um milhar de anos ou até mais, e, por outro, ao facto de as sucessivas tumulações terem provocado o remeximento, muitas vezes intencional, das anteriores. Compreende-se, deste modo, a dificuldade de datar a época da construção de tais recintos subterrâneos, a menos que se encontre algum com apenas uma única ocupação funerária, correspondente à dos próprios fundadores: é o caso de uma sepultura deste tipo encontrada acidentalmente, embora quase totalmente destruída, na frente de exploração de pedreira cerca de 800 m a Sul de Leceia, Oeiras, hoje totalmente aterrada: uma datação radiocarbónica realizada sobre ossos humanos – cuja análise antropológica permitiu determinar um número de cerca de 10 indivíduos – situou a construção do monumento na segunda

metade do IV milénio AC, confirmando-se, deste modo, a sua atribuição ao Neolítico Final, extensiva ao mesmo tipo de sepulcros, cujas influências ou semelhanças com congéneres mediterrâneos são nítidas. É mais que certo que, na área ocupada pela folha de Cascais, existissem também antas, cuja construção se situa igualmente no Neolítico Final: a sua presença é indicada não só pela existência actual do respectivo topónimo (em Oeiras), como ainda pela proximidade de monumentos deste tipo ainda hoje existentes na região, na área abarcada pela vizinha folha de Sintra. Com o Neolítico, a plena afirmação da agricultura e, com ela da sedentarização das populações, verifica-se nítido acréscimo da densidade de população na área, em boa parte mercê das condições favoráveis de solos, clima, insolação, hidrologia e proximidade do estuário do Tejo e do litoral oceânico, realidades que ainda hoje caracterizam toda a região.

Calcolítico

A implantação dos povoados calcolíticos na região é diversificada: se, por um lado, se verifica a continuidade da tendência, já esboçada no Neolítico Final, da ocupação de locais com boas condições naturais de defesa, e, por acréscimo, com visibilidade estratégica sobre a região envolvente – que parecem corresponder à maioria das ocorrências – conhecem-se outros cuja localização nada os faz destacar na paisagem: está neste último caso o povoado da Parede, cuja primeira ocupação remonta, como a de outros, ao Neolítico Final (PAÇO, 1964; SERRÃO, 1983). A esta realidade encontra-se subjacente um modelo de ocupação do território que, embora estribado em povoados fortificados – constituídos deste modo como elementos nodais na demografia da população e na exploração dos recursos potenciais disponíveis na área em redor de cada um deles - está longe de ser devidamente conhecido em pormenor.

Sem dúvida, o paradigma do modelo de ocupação aludido é o povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras. As dezanove campanhas anuais de escavações ali realizadas desde 1983 conduziram à identificação de um dos mais importantes povoados calcolíticos fortificados da Península Ibérica, mercê da escavação de uma área superior a 11 000 m², a maior escavação realizada até ao presente em um povoado pré-histórico do território português (CARDOSO, 1994, 1997, 2000 b). Ao longo de cerca de 1000 anos de ocupação, entre a segunda metade do IV milénio AC e a segunda metade do milénio seguinte, com base nas 36 datações pelo método do radiocarbono realizadas, assistiu-se à construção de imponente dispositivo defensivo, constituído por muralhas e bastiões, organizado em três linhas, cerca de 2800 AC, logo no início do Calcolítico Inicial. Tal dispositivo entrou em declínio ainda antes de meados do III

milénio AC, encontrando-se em fase de franco abandono aquando da derradeira ocupação calcolítica, correspondente ao Calcolítico Pleno, efectuada já em parte sobre os derrubes da antiga fortificação.

Do ponto de vista funerário, continuam a utilizar-se os principais sepulcros já existentes desde o Neolítico Final, agora enriquecidos com artefactos funerários tipicamente calcolíticos, com destaque para os belos ídolos e objectos votivos de calcário, de tipologia diversa, de que se recolheram numerosos exemplares nas grutas do Poço Velho e nos hipogeus de Alapraia e de S. Pedro do Estoril, com destaque para os cilindros, representação estilizada extrema da deusa-mãe calcolítica, para a enxó votiva de calcário ou o fragmento de lúnula também de calcário, ambos provenientes das grutas de Poço Velho (PAÇO, 1941), ou, sobretudo, o par de sandálias votivas de calcário oriundas da gruta II de Alapraia (PAÇO & JALHAY, 1941), onde também se recolheram cilindros, lúnulas e outros artefactos de evidente influência meridional e mediterrânea, sempre presente nas manifestações culturais do Calcolítico na Baixa Estremadura, a começar pela própria arquitectura dos povoados fortificados.

Importa referir a dinâmica populacional inferida a partir dos registos arqueológicos observados nos povoados mais importantes: assim, enquanto, por exemplo, em Leceia se observa uma presença humana contínua entre o Neolítico Final e o Calcolítico Final, noutros povoados igualmente importantes, como o da Parede e o de Carnaxide, após a primeira fase de ocupação, do Neolítico Final, o registo só volta a ser expressivo no Calcolítico Final, dando a ideia de que durante o Calcolítico Inicial (Horizonte das cerâmicas caneladas), período a que corresponde o florescimento de Leceia, a população ali se teria concentrado, o mesmo se continuando ainda a verificar no período de decadência daquele, correspondendo ao Calcolítico Pleno (Horizonte das cerâmicas decoradas em “folha de acácia”). Situação análoga se observou em torno do estuário do Sado: assim, enquanto o Pedrão foi densamente ocupado no Calcolítico Inicial, em detrimento do vizinho povoado da Rotura, já o inverso se verificou no Calcolítico Pleno, com o abandono do primeiro em benefício do segundo (CARDOSO, 1998).

Ainda antes dos meados do III Milénio AC, irrompe na Estremadura um novo estilo cerâmico, sem antecedentes locais: trata-se das cerâmicas campaniformes, as quais ocorrem ou nos níveis superiores dos povoados calcolíticos e, sobretudo, em numerosos sítios abertos, sem condições naturais de defesa, de provável carácter familiar (CARDOSO & SOARES, 1990/1992). Sem pretender neste momento discutir as razões que presidiram ao declínio e ulterior abandono da maioria dos sítios fortificados estremenhos que conheceram no Calcolítico pré-campaniforme o seu apogeu, como Leceia, importa no entanto registar que a prolifera-

ção destes pequenos sítios, se relaciona com um novo modelo de ocupação do território e de exploração dos seus recursos, a qual se efectuaria já não a partir de grandes sítios onde a população se concentrava, mas sim de forma descentralizada, certamente muito mais eficaz para o fim em vista. Seja como for, seria descabido agora referir um a um destes locais, os quais se prolongam para Norte da serra de Sintra, já fora dos limites desta folha. Um ou outro foi já objecto de estudos específicos, como o sítio do Monte do Castelo, Oeiras (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996). Estava-se, então em finais do III Milénio AC. Porém, onde a presença campaniforme se afirma com toda a sua pujança é nos contextos funerários da região. São célebres os recipientes recolhidos tanto na necrópole de Alapraia, como nas grutas de S. Pedro do Estoril. Dali, merece destaque um conjunto de que sobressai belo vaso completo, de tipo marítimo, com decoração de bandas preenchidas interiormente pela técnica do pontilhado; das segundas, deve destacar-se a existência de duas belas taças com pé, profusamente decoradas (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964), exemplares a que se poderá juntar um terceiro, liso, da gruta de Porto Covo, Cascais. Também as grutas do Poço Velho e a da Lage, já anteriormente referidas, forneceram numerosos exemplares de cerâmicas decoradas campaniformes, atestando a sua utilização frequente como necrópoles. Com efeito, não se conhecem quaisquer estruturas funerárias construídas ex-novo no decurso do campaniforme, na região em apreço, realidade que, aliás, é concordante com a sua raridade, ao nível do território português. Enfim, é nesta época que se começam a utilizar as peças de ouro, indício da rápida diferenciação social e da afirmação crescente de elites; nas grutas de S. Pedro do Estoril recolhera-se diversas espirais de ouro, uma delas ainda com uma falange humana no interior, prova insofismável de que seriam, neste caso, utilizadas como anéis. Também a presença de armas se torna notória, nos últimos momentos do campaniforme (pontas Palmela, adagas ou punhais de lingueta, de cobre), com exemplares conhecidos em S. Pedro do Estoril, denota a ascensão de uma classe guerreira em gestação, a qual viria a ter afirmação plena no decurso da Idade do Bronze.

Idade do Bronze

A Idade do Bronze, cujo início se pode situar na região de Lisboa, nos primórdios do II Milénio AC (datação pelo radiocarbono obtida no povoado de Catujal, Loures, cf. CARDOSO, 1994) encontra-se representada na área da folha apenas pela sua etapa final, designada por Bronze Final, designação que possui significado cultural específico. Com efeito, apenas alguns fragmentos cerâmicos recolhidos nas grutas do Poço Velho e da Lage poderão ser reportados, por critérios estritamente

tipológicos, dada a falta de elementos estratigráficos por se tratarem de escavações muito antigas, a uma etapa anterior, do Bronze Pleno regional (CARREIRA, 1990/1992; CARDOSO & CARREIRA, 1995). Seja como for, tais presenças atestam a continuidade, ainda que pouco evidente, na ocupação humana da região, entre o final do Calcolítico e o Bronze Final, cerca de sete ou oito séculos, época em que o registo arqueológico volta a ser importante. A ocupação destas grutas, com prolongamento pelo Bronze Final e mesmo por épocas mais recentes, é de interpretação difícil: a ausência de restos humanos directamente conotáveis com os materiais arqueológicos, sugere que não se tratavam de necrópoles; assim sendo, posta também de parte a hipótese de serem locais residenciais, resta a possibilidade de corresponderem a grutas-santuário, como outras, conhecidas na Idade do Bronze, em França e no Mediterrâneo.

O Bronze Final, cujo início poderá situar-se no século XIII AC, de acordo com datas de radiocarbono obtidas no vizinho povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa, é caracterizado pela ocupação intensiva e extensiva dos férteis campos agrícolas, de natureza basáltica, os quais já vinham sendo progressivamente explorados desde finais do Calcolítico. Prova dessa ocupação são os numerosos “casais agrícolas”, ou “granjas”, na expressão de G. Marques (MARQUES & ANDRADE, 1974) que de forma homogénea ocupavam toda a região e com exemplos conhecidos em todos os concelhos abrangidos pela folha. No entanto, raros têm sido os casos que mereceram publicação, alguns deles com evidente continuidade ocupacional pela Idade do ferro, como os Moinhos da Atalaia, Amadora (PINTO & PARREIRA, 1978).

No concelho de Oeiras, destaca-se o sítio do Alto das Cabeças, Leião (CARDOSO & CARDOSO, 1996), onde se recolheram abundantes lascas de sílex com um bordo serrilhado, destinadas a encabamento em suportes de madeira, transformados assim em foices. Tal abundância tem paralelo no povoado da Tapada da Ajuda, e em outros, denotando uma das principais características económicas de tais assentamentos: a produção intensiva e extensiva de cereais (sobretudo de trigo), cujo volume ultrapassaria, por certo, as necessidades específicas dos pequenos grupos instalados em cada um destes locais. É lícito, pois, admitir que tais produções cerealíferas se encaminhariam para centros populacionais mais importantes (ALARCÃO, 1996), onde se concentraria a elite dirigente, a quem incumbiria a administração de territórios cujas fronteiras se encontrariam já bem definidas. Tais centros, cuja relevância acompanha a emergência das próprias elites que os ocupavam, apresentam-se, actualmente, de identificação algo difícil. Na área respeitante à folha de Cascais, o Cabeço do Mouro, perto da povoação de Abóboda, actualmente atingido pela ocupação urbana, poderia corresponder a

um desses centros, implantado em colina destacada na paisagem envolvente e com boas condições naturais de defesa; ali se recolheram abundantes fragmentos de cerâmicas do Bronze Final, acompanhando diversos elementos de foice de sílex (CARDOSO, 1991).

A importância da economia agrícola da região encontra-se reforçada, no final do Bronze Final (ou Bronze Final II), situável nos séculos X a VIII AC, pela presença de foices de bronze, localmente produzidas: é o que indica o achado de um molde para fundição de foices de talão, do tipo Rocanes, designação do sítio epónimo, já fora do limite da folha, junto à povoação de Cacém. O aprovisionamento de cobre e de estanho, indispensáveis à produção de tais artefactos por certo de custos significativos, só se justificaria num contexto de produção cerealífera intensiva, a menos que aqueles se destinassem ao comércio trans-regional, designadamente para o Mediterrâneo, conforme sugerem exemplares análogos recolhidos no célebre depósito sardo de bronzes de origem peninsular ou de imitação peninsular do Monte Sa Idda (CARDOSO, 1999/2000). Seja como for, a ocorrência deste tipo de peças na região, a par de outras, como o célebre colar de ouro do Casal de Santo Amaro, Sintra, atesta o alto nível económico atingido pelas populações da região, nos finais da Idade do Bronze.

BIBLIOGRAFIA

- ABRANCHES, M. C. & CANILHO, M. H., 1980-81 – Estudos de geocronologia e geologia isotópica pelo método do rubídio estrôncio, dos três maciços mesozóicos portugueses: Sintra, Sines e Monchique: *Bol. Soc. Geol. Portugal*, XXII, pp. 385-390.
- ACCIAIUOLI, L. M. (1953) – Les sources minerales et leurs captages. *Pub. Div. Dir. Ger. Min. Serv. Geol. – Le Portugal Hydromineral*.
- ALARCÃO, J. de (1996) – O primeiro milénio a. C. *In De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia:* pp.15-30.
- ALEXANDRE, T. (1961) – Suelos de origen volcanica (Portugal). *An. Edafol. Agrobiol.*, t. XX, nº. II, pp. 649-667.
- ALMAÇA, C. (1960) – Contribuição para o estudo da zonação marinha do litoral português. *Bol. Port. Cienc. Nat. (2ª. Ser.)*, Vol. VIII, pp. 202-208.
- ALVES, C. A. MATOS (1964) – Estudo petrológico do maciço eruptivo de Sintra. *Rev. Fac. Cienc. Lisboa*, ser. 2 – C – t. XII (2), pp. 123-289.
- ALVES, R. V. & FERREIRA, J. M. (1959) – Algumas grutas portuguesas de interesse arqueológico. *Actas e Mem., Inst. Alta Cult.*, Vol. I, pp. 129-136.